

MUNDO

VIAJAR

Instagram [revistaviajar](#)

Facebook [revistaviajarpelomundo](#)

Website [mundoviajar.com.br](#)

R\$ 34,90
2028
Ano 14 - nº 156
ISSN 1984-7777
00156
9 771364 777004



Flórida

MIAMI: roteiro completo pela cidade-sede da Copa do Mundo + 50 atrações para desbravar pela **FLÓRIDA** antes ou depois dos jogos. E, ainda, guia passo a passo para percorrer a lendária **ROTA 66**, que completa 100 anos

UNIVERSAL ORLANDO RESORT TODA A MAGIA DE HARRY POTTER NOS QUATRO PARQUES DO COMPLEXO
MSC EURIBIA INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE EM UM DOS NAVIOS MAIS EFICIENTES DA ATUALIDADE
FREEDOM OF THE SEAS CRUZEIRO PARA TODA A FAMÍLIA E COM BOM CUSTO-BENEFÍCIO NO CARIBE

Rota 66

A estrada mais lendária do mundo

Ela fez nascer a *road trip* como estilo de vida e promoveu a cultura pop americana pelo mundo, com letreiros néon, diners retrô, motéis históricos, cidades-fantasma e muita atração *kitsch* pelo caminho. Neste roteiro, você encontra todas as razões para seguir viagem pelos quase 4 mil quilômetros da Estrada-Mãe, de Chicago a Santa Mônica

Por **Danielle Motta**

A cena não poderia ser mais clássica. No rádio original de um Chevrolet Impala 1965 vermelho tocavam hits de rock da 97.1 The Drive FM, de Chicago. Sobre o banco de couro, um mapa dobrado destacava as paradas da viagem – lanchonetes vintage, motéis, cidades-fantasma... Por um instante, imaginei-me como Thelma e Louise cruzando estradas desertas do Arizona a bordo de um Ford Thunderbird azul. A diferença é que meu ponto de partida era o centro de Chicago, onde uma placa anunciava “*Begin – Historic Route 66*” – ou “Começo da Histórica Rota 66”.

Era a versão do meu sonho americano se materializando: percorrer os 3.940 quilômetros da estrada mais lendária do mundo para reviver a essência da “Americana” dos anos 1950.

Aqui, vale uma explicação. Nos Estados Unidos, Americana não é apenas um adjetivo. É um conceito que reúne os símbolos mais marcantes do espírito do país do século 20: o estilo de vida do interior, a obsessão por carros, os valores de liberdade e o consumo exagerado. São os EUA dos filmes antigos, das lanchonetes tipo diners com juke-boxes, dos motéis retrô (que aqui nada mais são do que hotéis simples à beira da estrada), dos letreiros néon, dos cinemas e restaurantes drive-in, das atrações improváveis à beira do asfalto e dos conversíveis rodando por paisagens áridas ao som de blues ou rock 'n' roll.



MURAL ROUTE 66 SHIELD, EM
PONTIAC: O MAIOR PAINEL
DEDICADO À ROTA 66 NO MUNDO



A Rota 66 é a expressão mais completa da Americana. Inaugurada em 1926 para ligar Chicago a Santa Mônica, a rodovia atravessa oito estados – Illinois, Missouri, Kansas, Oklahoma, Texas, Novo México, Arizona e Califórnia – e funcionou como vitrine da cultura pop americana por décadas.

Teve também um papel histórico crucial. Logo após sua criação, a Rota 66 foi o caminho para a debandada de milhares de famílias do meio-oeste, expulsas pela seca e pela crise econômica que devastaram o país durante a Grande Depressão, entre 1929 e 1939. Foi ao longo dela que agricultores de Oklahoma cruzaram Texas, Novo México e Arizona rumo à Califórnia, em busca de trabalho em terras mais produtivas – uma jornada retratada no livro (e filme) *As Vinhas da Ira*, de John Steinbeck, que a apelidou de “Mother Road”, a Estrada-Mãe dos deslocados. Após a Segunda Guerra Mundial, a via ganhou protagonismo, mais uma vez, ao se tornar cenário de férias em família, trajeto de motociclistas aventureiros e motivo da popularização das *road trips*.

Desde 1985, no entanto, a Rota 66 não existe mais – pelo menos não oficialmente.

Ela foi retirada do sistema nacional de rodovias e substituída por interestaduais mais rápidas e diretas, como a I-40. Ainda assim, é possível percorrê-la de ponta a ponta. Seu traçado original, embora incompleto e, por vezes, abandonado, garante uma imersão nostálgica preservada em atrações que resistem ao tempo. Em muitos trechos, sinalizações com a inscrição “*Historic Route 66*” indicam percursos autênticos.

Em 2026, a Rota 66 retorna aos holofotes com a celebração de seu primeiro centenário. Trechos vêm sendo revitalizados, atrações restauradas e um calendário de eventos promete movimentar até as cidades que um dia quase desapareceram do mapa. É o ano para cair na estrada.

De Illinois à Califórnia, este roteiro destaca as paradas mais emblemáticas de cada estado. Duas semanas são o tempo mínimo para uma travessia cronometrada. Três semanas garantem um respiro para aproveitar mais. Mas o que cabe nesse percurso é apenas parte da história. A Rota 66 não se limita a um plano fixo: se algo chamar a atenção, basta reduzir a marcha, estacionar e explorar. Afinal, em uma *road trip*, a estrada já é o destino.

Foto: Santa Monica Travel & Tourism

SANTA MÔNICA, NA CALIFÓRNIA





ILLINOIS: O QUILÔ-METRO ZERO

De Chicago a Pontiac — 168 km

O café da manhã reforçado no Lou Mitchell's, com omelete de presunto e queijo ou french toast, é quase um ritual antes de cair na estrada. Aberto desde 1923, o restaurante é ainda mais antigo do que a própria Rota 66 e, desde aquela época, leva fama por servir de graça aos clientes na fila seu tradicional *donut roll*, semelhante a um bolinho de chuva. Além das porções generosas, a popularidade do Lou Mitchell's também se deve à sua localização, na mesma Jackson Boulevard que, originalmente, marcava o quilômetro zero da icônica rodovia, no centro de Chicago.

Mais tarde, com a mudança no sentido das ruas, o ponto de partida

Foto: Visit Springfield



PLACAS INDICAM TRECHOS ORIGINAIS DA ROTA 66

Foto: Shutterstock



Foto: Illinois DCC

oficial da Rota 66 foi alterado para o cruzamento da Adams Street com a Michigan Avenue (praticamente em frente ao Instituto de Arte de Chicago), onde está a discreta placa “Begin – Historic Route 66”. Aqui se dá a largada da primeira etapa da viagem, que segue por pouco mais de 480 quilômetros até o rio Mississippi, divisor natural entre Illinois e o vizinho Missouri.

Quase sem perceber, a paisagem concretada de Chicago, maior centro urbano de toda a rota, vai ficando para trás e, apenas 75 quilômetros depois, já é hora da primeira parada: Joliet. A cidade entrou de vez no mapa dos viajantes graças ao filme *Os Irmãos Cara de Pau*, de 1980, cuja cena inicial mostra um dos irmãos deixando a cadeia pelo portão principal da Old Joliet Prison – na época, uma prisão de segurança máxima. A penitenciária voltou à cena em 2005, ao virar a fictícia Fox River State Penitentiary, na primeira temporada de *Prison Break*. Desativada em 2002, depois de abrigar detentos desde 1858, hoje é aberta à visitação e recebe, principalmente, interessados em ver de perto as locações cinematográficas e conhecer suas histórias reais – ou nem tão reais assim.

Como primeira parada oficial da viagem, Joliet é estratégica para começar a enten-

der a dimensão da Rota 66. O Joliet Area Historical Museum e o The First Hundred Miles Welcome Center, que compartilham o mesmo endereço, cumprem essa missão: preservar a memória da estrada e orientar quem está apenas começando o percurso. O museu tem exposições temáticas, fotografias históricas e vídeos imersivos sobre a era de ouro das *road trips*. Já o centro de visitantes oferece informações práticas, mapas, livros e o famoso passaporte da Rota 66, a ser carimbado em cada atração clássica ao longo do caminho.

Em 2026, Joliet planeja unir a comemoração dos cem anos da Rota 66 ao centenário de sua atração mais simbólica, o Rialto Square Theatre. A agenda festiva é uma oportunidade para apreciar o interior do teatro. Construído em estilo neoclássico francês e inspirado em palácios europeus, ele já foi considerado “o teatro mais bonito dos Estados Unidos”.

Mais 30 minutos de viagem e chegamos a Wilmington, uma cidadezinha que, apesar do tamanho, concentra algumas das atrações mais instagramáveis do trecho de Illinois. A celebridade local é o Gemini Giant, estátua de quase nove metros de altura que representa um homem com capacete segurando um foguete nas mãos – uma referência ao fascínio americano pela corrida espacial nos anos 1960. Antes posicionado em frente ao restaurante Launching Pad Drive-In, o gigante é um exemplar dos chamados Muffler Men, bonecos publicitários que ficavam na entrada de postos de gasolina, oficinas mecânicas, lojas e diners ao longo da Rota 66 para atrair a atenção dos motoristas. Com proporções enormes, viraram ícones do chamado American Kitsch, estilo estético exagerado que define a estrada.

Aproveitando o embalo das celebrações pelo centenário, Wilmington inaugurou um mural temático da Rota 66 e uma loja de souvenirs oficial. A The Landing Pad Souvenir Shop é um dos lugares mais bacanas para comprar lembrancinhas colecionáveis da viagem – e, claro, o Gemini Giant estampa quase tudo por ali.

RIALTO SQUARE THEATRE, EM JOLIET, JÁ FOI CONSIDERADO O TEATRO MAIS BONITO DOS EUA



Foto: Shutterstock

MURAL RECÉM-INAUGURADO E ESTÁTUA DO GEMINI GIANT, EM WILMINGTON



Fotos: Danielle Motta



Wilmington costumava ser parada tradicional para uma refeição, mas, desde que o icônico Launching Pad Drive-In fechou as portas, o movimento se deslocou para o Old Route 66 Family, em Dwight. Esse restaurante serve a clássica comida americana – onipresente nos cardápios temáticos, de Illinois à Califórnia – e oferece café da manhã o dia todo, com ovos, bacon, panquecas, waffles e o famoso frango frito. Situado a 20 minutos de Pontiac, ele garante uma experiência autêntica da estrada, sem recorrer ao *kitsch* exagerado. Quase em frente ao Old Route 66 Family Restaurant fica o Ambler's Texaco Gas Station, o posto de gasolina com mais tempo de operação em toda a Rota 66. Desativado, hoje funciona como centro de visitantes e parada fotográfica entre bombas originais e memorabilia preservada.

De Pontiac a Springfield — 170 km

Parte da mística da Rota 66 vem de personagens carismáticos que, mesmo tantas décadas depois, continuam a alimentar o imaginário sobre a estrada. Uma dessas figuras é Robert Waldmire. Conhecido como Bob, era um tipo inconfundível: uma mistura de artista, hippie, ambientalista, contador de histórias e ativista incansável da Estrada-Mãe. Seu maior talento, no entanto,

era como cartógrafo. Bob produzia mapas ilustrados feitos à mão e tão minuciosos que exigem uma lupa para serem apreciados (muitos deles estão em exibição na The Pharmacy Gallery & Art Space, em Springfield).

Seu estilo de vida alternativo foi a inspiração para o personagem Fillmore, a Kombi hippie do filme *Carros*, da Pixar. Mas fiel às suas convicções, recusou os direitos de merchandising da animação. Vegano e contrário ao consumismo, não queria ver seu nome associado à venda de produtos infantis – especialmente aos brindes do McLanche Feliz.

A venda de mapas ilustrados, pôsteres e cartões-postais sobre a estrada bancaram as incontáveis vezes em que Waldmire rodou pela Rota 66 com seus dois veículos icônicos: uma Kombi Volkswagen 1972, convertida em casa móvel (a verdadeira Fillmore, de *Carros*!), e um ônibus escolar Chevrolet Land Yacht 1966, que ele mesmo adaptou com cama, cozinha, ateliê, sauna, banheiro e até sistema de coleta de água da chuva.

Os dois veículos podem ser vistos no Route 66 Hall of Fame and Museum, em Pontiac, assim como o mapa não terminado da Rota 66 de Illinois, em que ele trabalhava antes de morrer, em 2009.

Além de mostrar particularidades da vida de Bob Waldmire, o museu reúne mais de oito mil itens sobre a história

MAPA
MINUCIOSO
DE BOB
WALDMIRE E
SEU ÔNIBUS
CHEVROLET
1966
CONVERTIDO
EM CASA

Foto: Danielle Motta

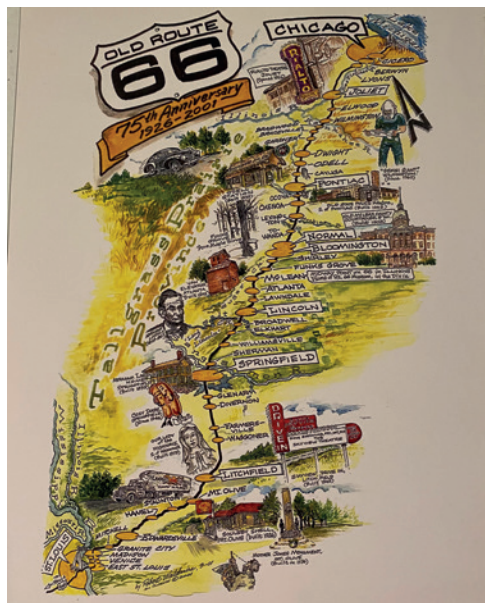


Foto: Enjoy Illinois



da estrada, entre placas, letreiros, fotos raras, jornais de época, bombas de gasolina antigas e relíquias como uma mesa do primeiro Steak 'n Shake do mundo. Do lado de fora, murais gigantes cobrem as paredes, incluindo o Route 66 Shield Mural, o maior painel dedicado à Rota 66 do planeta – e que causa fila para ser fotografado.

Na verdade, Pontiac inteira abraça o espírito da estrada. Há cerca de 20 murais temáticos espalhados pelo centro histórico, alguns tão realistas que é preciso chegar perto para se certificar de que se trata de uma pintura.

A pouco mais de uma hora dali, a Rota 66 passa pela minúscula Atlanta (a de Illinois!). Todas as principais atrações temáticas se concentram em uma única rua: um escudo da Rota 66 pintado no asfalto, um pequeno parque e o American Giants Museum. Instalado em um prédio com fachada de posto Texaco, o museu abriga a maior coleção de Muffler Men da Rota 66. A exposição inclui peças originais, moldes e documentos da fabricante International Fiberglass Company, responsável por dar vida a figuras como Paul Bunyon, o lenhador gigante do



MUITAS
ATRAÇÕES EM
SPRINGFIELD,
IL, ESTÃO
LIGADAS À
HISTÓRIA DE
ABRAHAM
LINCOLN

folclore do Meio-Oeste americano. Uma versão dele, segurando um cachorro-quente, pode ser vista bem ao lado do museu.

De Springfield a Litchfield — 75 km

A parada em Springfield exige um tempo maior do roteiro. A cidade, além de reunir algumas das atrações mais empolgantes da etapa de Illinois, foi o lar de Abraham Lincoln por 17 anos, antes de ele se tornar presidente dos Estados Unidos. E, uma vez ali, seria uma afronta deixar de fora lugares ligados a um dos maiores líderes da história americana.

Prova disso é a Abraham Lincoln Presidential Library & Museum, que passa bem longe da ideia convencional de biblioteca ou museu. Projetada por Bob Rogers (que já criou várias atrações para a Disney), a visita é uma experiência imersiva que usa e abusa de efeitos especiais, cenários realistas, encenações e recriações históricas com toques de magia para contar a jornada de Lincoln antes e durante a presidência.

No interior do prédio estão guardados mais de 46 mil documentos e manuscritos originais sobre a sua vida, muitos escritos pelo próprio Lincoln, além de um acervo de 12 milhões de itens históricos sobre Illinois e a Guerra Civil Americana. O formato dinâmico e atraente tornou o museu um dos mais visitados nos Estados Unidos fora de Washington, D.C.

A casa onde Lincoln viveu com a família entre 1844 e 1861, antes de se mudar para a Casa Branca, também está aberta à visitação. A residência fica no Lincoln

Foto: Illinois ALPLM



MUFFLER MEN EXIBIDOS NO AMERICAN GIANTS MUSEUM, EM ATLANTA, IL

Foto: Enjoy Illinois

ABRAHAM
LINCOLN
PRESIDENTIAL
LIBRARY AND
MUSEUM, EM
SPRINGFIELD,
IL: A ATRAÇÃO
FOGE DO
CONVENCIONAL



Foto: Danielle Motta e Illinois ALPLM

Home National Historic Site, um pequeno bairro restaurado para recriar a estética urbana do século 19, com fachadas e calçamento da época, postes históricos, cercas de estaca e charretes. O passeio guiado (e gratuito) percorre os 12 cômodos da casa de dois andares, passando por salas, quartos da família e dos empregados, cozinha e o escritório onde Lincoln recebia visitas. Outro lugar ligado ao político é a monumental Lincoln Tomb, onde está enterrado o ex-presidente, assassinado em 1865, em Washington, D.C.

Embora Lincoln não tenha sido contemporâneo da Rota 66, certamente aprovaria o esforço da cidade em manter viva a memória da estrada, a começar pelo Illinois State Fairgrounds Route 66 Experience. O espaço simula a viagem de Chicago ao rio Mississippi, com letreiros néon, mapas, totens fotográficos, réplicas de atrações históricas e até um escorregador de 12 metros de altura, o Side Down 66, inaugurado em 1968 e ainda em operação. Entre os destaques, o trailer do popular Cozy Dog, o restaurante criador do *hot dog on a stick* (um espetinho de salsicha empanada).

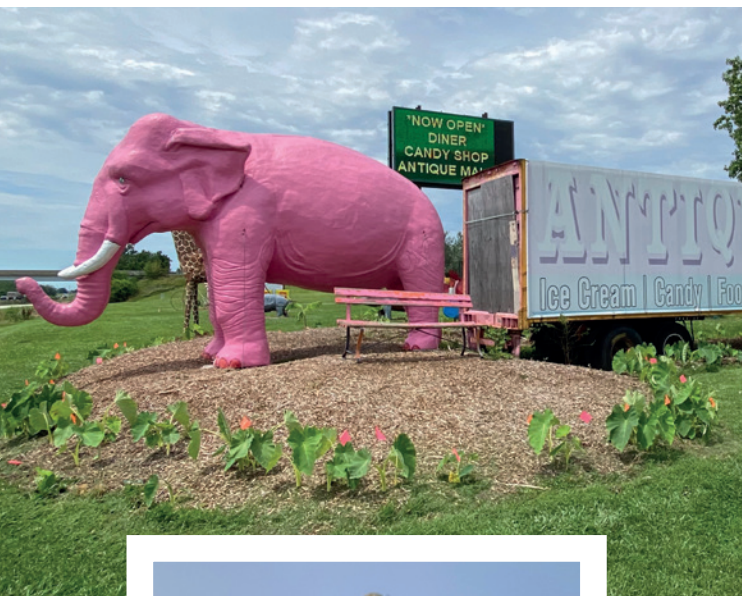


FAMOSA REDE
COZY DOG,
PIONEIRA NO
HOT DOG ON A
STICK

Outra lenda gastronômica da Rota 66 é o Motorheads Bar, Grill & Museum, que, como o nome sugere, é uma combinação de museu, restaurante e bar de beira de estrada. A fama nem é tanto pela comida, mas pela ambientação carregada de memorabilia vintage, a trilha sonora com muito rock 'n' roll e a programação intensa de eventos e shows com pista sempre cheia. Do lado de fora, há outra daquelas estátuas gigantes: o Big Ron segurando o maior escudo da Rota 66 do mundo.

De Litchfield a Madison — 87 km

Se o Motorheads representa a versão festiva e vibrante da Rota 66, o Ariston Cafe, em Litchfield, oferece um tipo de experiência gastronômica mais familiar e tradicional. Fundado em 1924, dois anos antes da estrada ser oficialmente inaugurada, é o restaurante mais antigo ainda em operação em toda a Rota. Aqui, sim, o foco é a comida. O cardápio é tipicamente americano, com T-Bone steak, frango frito e sanduíche de costela bovina – e tudo chega à mesa em porções fartas.



Fotos: Danielle Motta



A ESTÉTICA KITSCH É A MARCA DA ROTA 66. DE CIMA PARA BAIXO: PINK ELEPHANT ANTIQUE MALL, CATSUP BOTTLE E WEST END SERVICE STATION



A partir de Litchfield, a estética *kitsch* aparece com força – e é justamente esse exagero visual, beirando o cafona, a marca registrada na Rota 66. O Pink Elephant Antique Mall, em Livingston, comprova a teoria. O nome vem da estátua enorme de um elefante rosa posicionada do lado de fora para atrair viajantes. Mas ela é só o começo da coleção: há um disco voador com alienígenas verdes, um avião vermelho, um dinossauro e alguns bonecos gigantes, entre eles, um do presidente Trump. Essa mistura não faz o menor sentido, mas rende fotos divertidas. Dentro do shopping de antiguidades, a parafernália se multiplica. Vende-se de tudo: brinquedos vintage, placas esmaltadas, roupas retrô, objetos de decoração inusitados, louças antigas, discos de vinil, artigos colecionáveis, memorabilia da Rota 66... Dá para passar horas bisbilhotando – e facilmente querer encher a mala.

No mesmo complexo funciona a tentadora Mother Road Fudge Factory and Candy Shop, que vende uma variedade absurda de fudges (doce macio que lembra caramelo), balas, chocolates e doces artesanais. Para completar o combo, a Twistee Treats Diner, uma lanchonete estilizada, decorada ao estilo anos 1950, com chão quadriculado e bancadas *old school*, serve hambúrgueres e sorvetes.

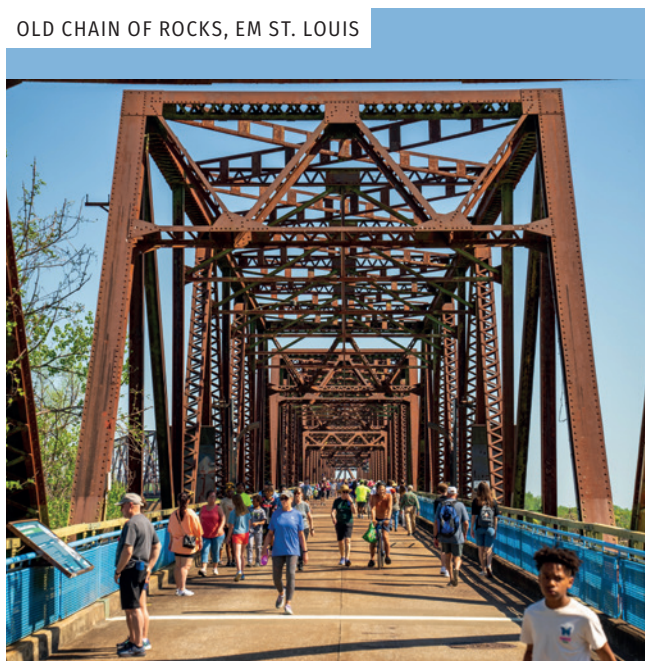
Antes de chegar ao fim do trecho de Illinois, ainda dá tempo para duas paradas fotográficas rápidas. A primeira é o West End Service Station, em Edwardsville, um posto de gasolina dos anos 1920 convertido em centro de visitantes (e um dos mais bacanas da viagem). A segunda é a Catsup Bottle, em Collinsville, que ostenta o título de maior garrafa de ketchup do mundo. A estrutura é uma torre de água transformada em peça publicitária pela Brooks Catsup Company, em 1949. É tão grande que, se fosse uma garrafa real, caberiam ali mais de 370 mil litros de molho.

A despedida de Illinois acontece no Worldwide Technology Raceway, em Madison, um complexo automobilístico com pista oval, circuito misto e kartódromo. É o único autódromo dos Estados Unidos a sediar, no mesmo ano, corridas da Nascar, IndyCar e da NHRA (National Hot Road Association). Como a agenda nas pistas é sempre movimentada, há boas chances de pegar uma competição em andamento antes de fechar a primeira etapa da viagem.

GETAWAY ARCH, EM
ST. LOUIS: O MAIOR
MONUMENTO DOS
ESTADOS UNIDOS, COM
192 METROS DE ALTURA



OLD CHAIN OF ROCKS, EM ST. LOUIS



A própria ponte Chain of Rocks é um exemplo de como o trajeto mudou com o tempo. Ela é uma alternativa à Old Chain of Rocks – ainda existente, mas agora para pedestres e ciclistas. Durante a travessia, o Gateway Arch, às margens do rio, não passa imune aos olhos: com 192 metros de altura, o arco de aço inox é, de longe, o maior monumento dos Estados Unidos – e permite subida ao topo.

A primeira parada é a capital St. Louis, que pede dois a três dias no roteiro. Assim, dá tempo de explorar tanto as atrações ligadas à Rota 66 quanto outros pontos da cidade. Dois itens não podem ficar de fora da programação: a música e a gastronomia raiz.

St. Louis é o berço do *ragtime*, estilo anterior ao jazz; criou sua própria versão do blues, o St. Louis Blues, e ajudou a popularizar o jazz no norte do país. Hoje, esses ritmos embalam os bares do bairro Soulard.

A cidade também tem pratos próprios: a pizza St. Louis Style, com massa fina e queijo Provel; o *toasted ravioli*, empanado e frito, e o St. Louis Slinger, conhecido como “cura-ressaca” por fazer um mexidão de batata frita, hambúrguer, ovos cozidos, molho chili, queijo e cebola. Já a sobremesa clássica de St. Louis é o *frozen custard* da loja Ted Drewes, que funciona desde os tempos em que a Rota 66 passava ali em frente. Com 22 sabores para escolher, é um tipo de sorvete denso, à base de ovo, servido de cabeça para baixo para provar que não cai do copo.



MISSOURI: O BERÇO DA ROTA 66

De St. Louis a Cuba — 135 km

A partir da ponte Chain of Rocks sobre o rio Mississippi, a viagem entra em uma nova fase: é hora de atravessar os 505 quilômetros da Rota 66 no Missouri até alcançar Joplin, quase no Kansas. O estado teve sua malha viária muito modificada ao longo do tempo – e nesse “muda aqui, muda ali”, o traçado original da estrada, por vezes, se perdeu. Via de regra, a Estrada-Mãe segue paralela à interestadual 44. As rodovias que levam o número 66 (como as 66, 266 e 366) também indicam trechos autênticos da “Main Street of America”, apelido que Missouri deu à Rota.

Na mesma via, a *apple fritter* do Donut Drive-in – identificado por um enorme letreiro néon – é mais um doce famoso em St. Louis. Desde 1952, a rosquinha frita de maçã faz tanto sucesso que esgota com frequência. Mas não é problema: há outros 58 sabores à disposição.

Por falar em letreiro, o do Crestwood Bowl resgata a nostalgia de quando o boliche era uma das principais formas de lazer dos americanos. O espaço destaca o estilo retrô dos anos 1950 e 1960, com 24 pistas automáticas, máquinas de fliperama, jukebox, bar e sessões noturnas com luzes néon e música dos anos 1980.

O néon, vale saber, é um dos elementos mais emblemáticos da estética *kitsch* da Rota 66.

Essa tecnologia chegou aos Estados Unidos em 1923, justamente quando a Estrada-Mãe ganhava forma, e logo se tornou o melhor jeito de motéis, diners, postos de gasolina e cinemas drive-in à beira da estrada competirem pela atenção dos motoristas. Muitos desses letreiros hoje desativados foram reunidos no Neon Museum of St. Louis, uma das novas atrações ligadas à Rota na cidade. O espaço exibe não só placas históricas da estrada, como obras contemporâneas em néon e letreiros que fizeram parte do visual urbano de St. Louis.

Depois dos dias na capital, a viagem continua por uma hora até as Meramec Caverns. Com sete quilômetros de túneis subterrâneos, as cavernas deixaram de ser usadas para extração de salitre (matéria-prima da pólvora na Guerra Civil Americana) em 1935, quando passaram a integrar a rota turística da 66. Diz a lenda que os túneis serviram de esconderijo para Jesse James, o mais famoso fora da lei do Velho Oeste. O caso é contado no passeio guiado de 90 minutos, que percorre dois quilômetros pelo interior da caverna.

De Cuba a Springfield — 224 km

A pequena Cuba (que nada tem a ver com a ilha do Caribe) elegeu murais coloridos como forma de preservar a memória dos bons tempos da Rota 66 – e, por isso, virou a Route 66 Mural City (Cidade dos



Fotos: Missouri Division of Tourism

À ESQUERDA, O TED DREWES, EM ST. LOUIS, COM 22 SABORES DE FROZEN CUSTARD PARA ESCOLHER. ACIMA, AS CAVERNAS DE MERAMEC

Murais da Rota 66). No mesmo trajeto onde a rodovia antes passava, agora há 12 painéis temáticos com automóveis antigos e personagens históricos, como o ex-presidente Harry S. Truman, a aviadora Amelia Earhart e a atriz Bette Davis, todos contemporâneos da lendária rodovia. Os murais podem ser explorados em um roteiro autoguiado, feito via aplicativo ou com um mapa disponível no centro de visitantes.

Cuba também se firmou como destino popular para pernoite graças ao Wagon Wheel Motel, inaugurado em 1935 – um feito incomum em plena Grande Depressão. É o motel mais antigo em operação contínua na Rota 66 e, originalmente, reunia hospedagem, cafeteria e posto de gasolina. Hoje, o café foi substituído por uma loja de suvenires e artesanato, enquanto o posto passou a exibir carros e apetrechos obsoletos. O letreiro néon em formato de roda de carroça, instalado em 1947, ainda ilumina a entrada todas as noites – e inspirou a fachada do Wheel Well Motel, do filme *Carros*.

De volta à estrada, a parada em Fanning é para tentar enquadrar na foto a Route 66 Rocker, segunda maior cadeira de balanço do mundo, com quase 13 metros de altura. A estrutura faz parte da Fanning 66 Outpost, uma loja atrevida, com mais de 250 tipos de refrigerantes, 75 sabores de fudge e 300 variedades de pipoca.



WAGON WHEEL MOTEL, EM CUBA, O MOTEL MAIS ANTIGO EM OPERAÇÃO CONTÍNUA NA ROTA 66



DIVERSOS MUSEUS PELO CAMINHO ESMIÚÇAM A HISTÓRIA DA ROTA 66

Fotos: Missouri Division of Tourism



O ROUTE 66 CAR MUSEUM, EM SPRINGFIELD, MO, REÚNE MAIS DE 70 AUTOMÓVEIS RAROS

A proximidade do centenário da Rota 66 tem incentivado muitas cidades a revitalizar ou criar atrações do zero que celebrem a história da estrada. Uma das novidades é o Route 66 Neon Park, inaugurado em 2025, em St. Robert, última parada antes de Springfield. O museu a céu aberto é mais um endereço dedicado à preservação de letreiros néon que, durante décadas, anunciaram motéis, diners, postos de gasolina e lojas no trecho entre St. Louis e Carthage. O parque fica aberto o dia todo, mas é a partir do pôr do sol, quando as luzes se acendem, que ganha o visual retrô impactante.

De Springfield a Joplin —114 km

A existência de duas cidades chamadas Springfield na Rota 66 costuma confundir os viajantes. Mas que fique claro: a primeira é a Springfield de Illinois, associada a Abraham Lincoln; e a segunda, de Missouri, que reivindica o título de berço da Rota 66. Pelo menos, ela foi o lugar de batismo: o nome U.S. Route 66 foi oficialmente proposto em uma reunião feita na cidade, em 30 de abril de 1926.



SPRINGFIELD, MO, CLAMA O TÍTULO DE BERÇO DA ROTA 66

Springfield faz questão de reviver esse momento todos os anos no Birthplace of Route 66 Festival, um dos maiores eventos do país dedicados à Estrada-Mãe. Durante dois dias de agosto, o centro histórico chega a receber 65 mil entusiastas para uma programação com desfiles de automóveis clássicos, exposições de carros antigos, shows de rock e blues ao ar livre e até a 6.6K Run, uma corrida de 6,6 km em homenagem à rodovia. O trajeto passa pelo Birthplace of Route 66 Roadside Park, um pequeno parque temático com o marco comemorativo do nascimento da rota. A edição de 2026 do festival, que celebrará o centenário da 66, promete ser a maior de todas.

Mesmo que a visita não coincida com o evento, a cidade oferece outra forma de admirar relíquias automotivas. No Route 66 Car Museum, um colecionador reuniu mais de 70 veículos clássicos e raros, de 1907 a 2005. Há esportivos europeus, modelos de competição, limusines, caminhões de bombeiro e até carros de cinema, como réplicas do Batmôvel e do Ecto-1, de *Caça-Fantasmas*.

A cultura automobilística também está viva no Route 66 Steak 'n Shake. O restaurante drive-in, de 1962, foi erguido à beira da estrada para oferecer o tradicional *curb service*, o atendimento feito diretamente no carro, típico nas *road trips* americanas do passado. Desde então, pouca coisa mudou: o piso quadriculado, os bancos de vinil, a jukebox, os uniformes e o letreiro retrô seguem fiéis ao original. E o cardápio também: o lendário steakburger, preparado à vista dos clientes, continua como carro-chefe da casa.

De Springfield a Tulsa, em Oklahoma, o percurso da Rota 66 é um dos mais bem preservados de toda a viagem. E dos mais cênicos também: o intervalo de 37 quilômetros da Scenic 23-Mile Drive cruza vilarejos históricos, pontes arcaicas e paisagens rurais até chegar ao Gary's Gay Parita, em Ash Grove. Embora não funcione mais como posto de gasolina, o local foi restaurado com bombas retrô, carros de época e letreiros vintage, como o da bandeira Sinclair, para manter a nostalgia dos anos 1930.

A partir dali, falta apenas uma hora para concluir o trecho de Missouri, mas a viagem costuma durar mais. O motivo é Joplin, uma última parada a menos de dez minutos da divisa com o Kansas. A cidade teve papel importante

Foto: MARK NEUENSCHWANDER



PINTURA TRIDIMENSIONAL EM JOPLIN



ROUTE 66 STEAK 'N SHAKE: ATENDIMENTO DIRETAMENTE NO CARRO

nas migrações durante a Grande Depressão e a Dust Bowl, período de seca com tempestades de poeira que assolou o Centro-Oeste dos EUA na década de 1930. Sua localização estratégica – na região conhecida como Four States Area, entre Missouri, Kansas, Oklahoma e Arkansas – fez dela um ponto de passagem inevitável. Por isso, três alinhamentos diferentes da Rota 66 já cortaram Joplin – e ainda hoje há placas e marcos originais que relembram esse passado.

Esse legado é celebrado no Route 66 Mural Park, no centro da cidade, com três grandes murais de azulejos. O parque também abriga uma réplica de um Corvette 1963, disponível para fotos que simulam uma *road trip* pela Estrada-Mãe.

A arte, aliás, é o novo cartão de visitas de Joplin. O World Street Painting Festival Route 66, realizado em junho no Schifferdecker Park, reúne artistas nacionais e internacionais para criar pinturas tridimensionais que parecem “saltar” do chão. As obras permanecem expostas o ano todo, e há marcações ao lado de cada uma para indicar o melhor ângulo para fotos. Em 2026, o festival promete uma série especial de 33 murais em 3-D, em homenagem ao centenário da estrada.

Fotos: Visit Springfield



GARY'S GAY PARITA, EM ASH GROVE



RAINBOW BRIDGE, ÚNICA PONTE EM ARCO DE CONCRETO AINDA EXISTENTE NA ROTA 66 E PARADA OBRIGATÓRIA PARA FOTO



KANSAS: RÁPIDO E INTENSO

De Galena a Baxter Springs — 14 km

Entre Missouri e Oklahoma, há um trecho breve da Rota 66 que cruza o Kansas. São apenas 21 quilômetros de asfalto — o menor intervalo entre os oito estados atravessados pela rodovia. Nem por isso é menos interessante. Nesse curto percurso, a estrada passa por três cidades históricas — Galena, Riverton e Baxter Springs — e exibe partes praticamente inalteradas da rota original, com pavimentação de paralelepípedo.

A principal atração na passagem pelo Kansas é, curiosamente, um caminhão-reboque enferrujado que virou celebridade ao inspirar outro personagem do filme *Carros* — desta vez, o Mate. Batizado de Tow Tater, o veículo está estacionado ao lado do Cars on the Route, um antigo posto de gasolina transformado em centro de visitantes, com lanchonete e loja de souvenirs, na pequena cidade de Galena. O sucesso da animação, aliás, rendeu homenagens por toda parte, como a Luigi's Pit Stop, inspirada na loja de pneus do filme e com réplicas dos personagens Luigi, Xerife e Relâmpago McQueen.



TOW TATER, EM GALENA: INSPIRAÇÃO DO PERSONAGEM MATE, DO FILME CARROS

Fotos: Divulgação Kansas e ©2013 Doug Siremel



Galena pode até passar num piscar de olhos pelo retrovisor, mas é impossível ignorá-la. Murais, fachadas e letreiros néon fazem referência à Rota 66 e relembram o auge do fluxo de viajantes por ali nas décadas de 1940 e 1950. Hoje, mesmo com outra dinâmica, o destino preserva muito da aura nostálgica esperada na mítica estrada americana.

Lugares autênticos como a Nelson's Old Riverton Store, a cinco minutos de carro de Galena, ajudam a relançar esse clima saudosista. Situada em Riverton e aberta desde a década de 1920, é a loja mais antiga ainda em funcionamento da Rota 66 – e vende de tudo, desde sanduíches frescos no balcão até flores e lembrancinhas da viagem.

De Riverton a Baxter Springs, o trajeto cruza a histórica Rainbow Bridge, uma ponte em arco de concreto construída em 1923, única do tipo ainda existente em toda a rota. É o cartão-postal do trecho, especialmente para fotos sobre o pavimento original da pista.

Antes de deixar o Kansas, uma última parada em mais um centro de visitantes, o Kansas Route 66 Visitor Center, restaurado para mostrar aos viajantes a sua aparência tal e qual a dos anos 1930. O local oferece a última chance de garantir um carimbo no passaporte antes de cruzar a divisa rumo a Oklahoma.



ACIMA E ABAIXO: HI WAY CAFE, PARADA CLÁSSICA PARA COMER NO TRECHO DE OKLAHOMA



OKLAHOMA: O CORAÇÃO DA ROTA

De Commerce a Tulsa — 150 km

Por três décadas, o letreiro néon do Hi Way Cafe, em Vinita, permaneceu apagado – uma pausa que refletia o esquecimento gradual de trechos da Rota 66 de Oklahoma. Mas desde 2023, ele voltou a brilhar intensamente à margem da pista, sinalizando novos tempos para a estrada americana.

O restaurante já é um desses lugares curiosos. Aberto em 1960, entrou para o *Guinness World Records* por abrigar um American Rambler 1963 com 60.066 adesivos colados em sua lataria – o maior número já registrado em um carro. Quem quiser, pode seguir a tradição e colar seu adesivo em outro veículo antigo, posicionado ao lado do mascote gigante Big Bill. Fora essas esquisitices, a especialidade da casa são pratos para um café da manhã substancioso, servido o dia inteiro, e o Route 66 Burger, criado em homenagem à estrada.

O Hi Way Cafe é uma alternativa ao Waylan's KuKu Burger, na cidade de Miami (a de Oklahoma), situada meia hora antes de Vinita. Inaugurado na década de 1960 como parte de uma rede de fast food criada para concorrer com o McDonald's, o restaurante é a última unidade remanescente das mais de 200 que existiram nos Estados Unidos. A fachada, com um passarinho cuco amarelo em destaque, virou parada fotográfica clássica pelo caminho.

Fotos: Shutterstock

Esses dois restaurantes são só um aperitivo gastronômico do trecho de Oklahoma, que soma 695 quilômetros. O estado tem um dos maiores segmentos contínuos de estrada original, com trechos preservados que ainda guardam placas de época, pontes e até marcas de pneus no asfalto. Oklahoma reúne ainda o maior número de museus dedicados à Rota 66.

A primeira atração do roteiro é uma homenagem à cultura indígena americana. Entre 1937 e 1961, o artesão Ed Galloway construiu com as próprias mãos o Ed Galloway's Totem Pole Park, em Foyil, um parque com 11 totens decorados com figuras de nativo-americanos e animais estilizados. Sua obra-prima, com 27 metros de altura, é considerada o maior totem de concreto do mundo – e um ícone instagramável no primeiro intervalo de Oklahoma.

Mas o título de ponto turístico mais fotogênico talvez vá para a Blue Whale, em Catoosa. A simpática escultura de baleia azul fica às margens de um lago e foi construída pelo biólogo Hugh Davis como presente para a esposa, colecionadora de miniaturas de baleias. A obra, com 24 metros de comprimento e seis metros de altura, tornou-se uma das imagens mais reconhecíveis da Rota 66. Um escor-

TOTEM EM
REFERÊNCIA
À CULTURA
INDÍGENA
AMERICANA,
EM FOYIL



HARD ROCK HOTEL & CASINO, EM TULSA

regador sai da cauda da baleia direto para a água – mas, infelizmente, não é possível nadar ali.

Quando idealizou o presente, Hugh Davis provavelmente não imaginava que sua escultura colocaria Catoosa no mapa do turismo mundial. O interesse pela cidade, alimentado pela fama da Rota 66, favoreceu a instalação do Hard Rock Hotel & Casino Tulsa na região. Com 450 quartos, campo de golfe, mais de 2 mil máquinas caça-níqueis e oito restaurantes – incluindo o Hwy 66 Diner, com ambientação temática –, o hotel oferece uma parada para recarregar as energias sem sair do clima da estrada. Até porque a decoração tradicional da marca, com paredes cobertas por guitarras, roupas de astros da música e itens históricos do rock, cai muito bem com o espírito da viagem.

De Tulsa a Sapulpa — 25 km

O percurso entre Tulsa e Sapulpa pode ser curto, mas é surpreendentemente denso em atrações – e dirigir menos, nesse caso, significa aproveitar melhor cada parada pelo caminho. Tulsa também faz questão de se apre-

Fotos: Shutterstock

BLUE WHALE, EM CATOOSA





Foto: Hard Rock Hotel

sentar como o berço da Estrada-Mãe – ou, como se autointitula, a Capital Mundial da Rota 66. A cidade tem argumentos bons para sustentar a reinvindicação. Foi ali que o empresário Cyrus Avery, morador local, idealizou o trajeto que conectaria Illinois à Califórnia. Mais do que isso, foi ele que sugeriu o número 66 para batizar a estrada naquela reunião em Springfield, no Missouri.

Avery, considerado o “pai da Rota 66”, é homenageado na Cyrus Avery Centennial Plaza, onde a escultura *East Meets West* destaca, em tamanho real, uma carroça puxada por cavalos cruzando com um automóvel antigo – um símbolo do progresso que a nova estrada traria.

A própria Main Street, principal via no centro, integra o trajeto original da Rota 66. Ao longo dela, há restaurantes temáticos, prédios históricos revitalizados, murais com cenas de *road trips* e homenagens aos carros clássicos que cortaram a via por décadas. A rua é o ponto de partida para visitar a Route 66 Historical Village, um museu a céu aberto que retrata Tulsa como polo ferroviário e petrolífero no século 20. Por isso, há uma torre de perfuração de 15 metros, uma locomotiva a vapor, uma réplica de estação de trem, um escudo da Rota 66 e uma lojinha de souvenirs onde é possível personalizar um tijolo com seu nome.

Mas se a ideia é encontrar lembranças bacanas da viagem, é melhor dar uma espiada na Buck

Atom’s Cosmic Curios on 66, uma loja instalada em um antigo posto de gasolina. Ela representa a nova era da Rota 66. Desde 2019, abriga um Muffler Man novinho em folha, o primeiro feito nos Estados Unidos depois de décadas. O Buck Atom, de seis metros, é metade caubói, metade astronauta, e está estampado em camisetas, broches, ímãs e brinquedos retrô.

A estátua integra a Terra dos Gigantes, no Meadow Gold District, um trecho da cidade onde outros personagens de fibra de vidro se alinham à estrada, como a vaqueira Stella Atom, o Cowboy Bob, o lenhador Mack e a operária Rosie the Riveter, baseada na mulher do famoso pôster “We Can Do It!”. A região ganhou o nome graças ao Meadow Gold Neon Sign, um letreiro néon dos anos 1930, restaurado e reinstalado ali após ser salvo da demolição.

Como dá para notar, esse miolinho do Meadow Gold District é o point da Rota 66. Ali também fica o Ike’s Chili,

Fotos: Visit Oklahoma e Jametlene Reskp

BUCK
ATOM,
O MAIS
NOVO
MUFFLER
MAN DA
ROTA 66



o restaurante mais antigo da cidade, aberto desde 1908. A longevidade se deve ao seu chili caseiro ao estilo Tulsa, cuja receita é segredo de família. O molho vai no cachorro-quente, na batata frita, nos hambúrgueres e até no *mac & cheese*.

A tradição do Ike's Chilli é um contraste com o moderno Mother Road Market, um mercado gastronômico e exemplo bem-sucedido de como Tulsa vem reinventando sua ligação com a estrada. São 20 restaurantes servindo de ramen a bagels, de churrasco a pizzas artesanais, incluindo opções veganas.

De volta ao asfalto, a escultura em bronze de um enorme bisão, o Guardiã das Planícies, anuncia que Sapulpa está logo à frente. Curiosamente, a cidade é cruzada por dois trechos históricos da Rota 66: o original, de 1926 a 1952, pela Dewey Avenue, e o desvio posterior pela Mission Street, criado para melhorar o fluxo de veículos.

A proximidade com Tulsa significa que Sapulpa também está no coração da Estrada-Mãe. É por isso que a sua atração mais popular leva o nome de Heart of Route 66 Auto Museum. Com uma coleção rotativa de automóveis clássicos do período entre os anos 1920 e 1970, os olhos até brilham diante de Cadillacs, Mustangs, Corvettes e um Lincoln Zephyr. O acervo in-

clui parafernália de postos de gasolina, placas originais e ferramentas de época. Ao lado do museu, uma bomba de gasolina de 66 pés (cerca de 20 metros de altura) leva o título de maior do mundo.

Mas a cereja do bolo em Sapulpa é, sem dúvida, o TeePee Drive-In. Afinal, qualquer viajante nesta lendária *road trip* espera pelo momento de assistir a um filme em um autêntico cinema automotivo. Inaugurado em 1950 e fechado por mais de três décadas, ele foi restaurado e reaberto em 2023, mantendo o charme clássico: letreiros vintage, telão gigante, áudio transmitido por rádio FM e uma lanchonete com pipoca e cachorro-quente. O local ainda oferece hospedagem em trailers vintage, completando a experiência no mais legítimo estilo da Rota 66.

De Sapulpa a Oklahoma City — 152 km

A partir de Sapulpa, uma sucessão de pequenas cidades tenta conquistar os viajantes que percorrem a Rota 66 com atrações temáticas. Como é impossível encaixar tudo em um só roteiro, é preciso fazer escolhas — e uma delas é seguir direto para Stroud.

O motivo da parada atende por Rock Cafe. A história dessa lanchonete já começa na aparência: foi construído com sobras de materiais da própria Rota 66, em 1939. Apesar dos tempos áureos dos



MOTHER ROAD MARKET, EM TULSA: VARIEDADE GASTRONÔMICA EM 20 RESTAURANTES



ICÔNICA GARRAFA DE REFRIGERANTE DO POPS 66 SODA RANCH, EM ARCADIA

Fotos: Shutterstock e divulgação/Valérie Wei Haas

anos 1950, época em que funcionava 24 horas por dia para dar conta dos viajantes, a fama se consolidou mais tarde, quando a proprietária Dawn Welch virou a inspiração para a personagem Sally Carrera, da animação *Carros*. O menu também foge do lugar-comum. Ao lado de clássicos americanos, há pratos da culinária alemã, como o *spätzle* (massa de ovos) e o *jägerschnitzel* (bife de porco empanado ao molho de cogumelos).

De lá, basta voltar ao asfalto e seguir até Chandler, onde fica o Route 66 Interpretive Center. O museu tem um significado especial para a Rota, já que explora a participação histórica de Oklahoma na via. Como o estado foi palco de deslocamentos em massa na Grande Depressão, o centro explora esse período com vídeos e experiências sensoriais – enquanto o visitante assiste sentado em camas de motel e bancos de carros antigos, como jipes militares ou um Mustang 1964.

Partimos então rumo ao próximo destino e, depois de mais 30 minutos de viagem, surge uma enorme garrafa de refrigerante à beira da estrada. É o símbolo do POPS 66 Soda Ranch, em Arcadia, um misto de posto de gasolina, lanchonete retrô e loja especializada em refrigerantes de todos os tipos. São mais de 700 sabores de diferentes partes do mundo, com versões inusitadas, como bacon, pepino, pickles, algodão-

-doce e gengibre tailandês. Como a garrafa é iluminada por 7 mil luzes LED, à noite ela brilha a quilômetros de distância.

De Oklahoma City a Texola — 242 km

Quase 89 quilômetros da Rota 66 cruzam Oklahoma City de ponta a ponta, passando por bairros históricos como Capitol Hill, Stockyards City e Bricktown. Ao longo do percurso, mais de 200 placas ajudam a guiar os viajantes entre os pontos de interesse, caso dos murais coloridos e letreiros néon espalhados pelos distritos de Plaza District e Midtown e pelo expressivo Paseo Arts District, uma região artística e boêmia que floresceu sob influência da rodovia.

Embora não esteja no traçado original da Rota 66, o Paseo virou parada na *road trip* graças às suas fachadas de cores fortes e telhados de cerâmica com influência espanhola e mediterrânea, que abrigam galerias de arte, estúdios, lojas independentes, cafés e restaurantes vegetarianos. Desde os anos 1930, o bairro é o reduto cultural da cidade, o que explica a presença ali perto do Tower Theatre, inaugurado em 1937 como um dos principais cinemas de Oklahoma City. Como outros ícones da Rota 66, ele também fechou suas portas por três décadas. Mas, desde 2017, com seu icônico néon restaurado, voltou à cena como casa de shows, palco de cinema retrô e karaokê.

Foto: Visit Oklahoma

A PONY BRIDGE É UM DOS MARCOS DA ROTA 66 EM OKLAHOMA: A PONTE TEM CERCA DE 1 KM DE EXTENSÃO





CLASSEN INN, HOTEL TEMÁTICO EM OKLAHOMA CITY

Foto: divulgação Classen Inn

TOWER
THEATRE, UM
DOS MAIORES
SÍMBOLOS
DOS TEMPOS
ÁUREOS DA
ROTA 66

Foto: Visit Oklahoma

Com o crescimento urbano, muito do que existia às margens da Rota 66 na capital se perdeu pelo caminho. Mas um pequeno prédio de 1930 ainda resiste. Com apenas 29 m², ele é considerado um dos menores edifícios comerciais da rodovia. Para chamar atenção dos motoristas, precisou colocar uma garrafa de leite de cinco metros sobre seu telhado, a Milk Bottle Grocery, que permanece lá desde 1948 – e virou ponto turístico.

Oklahoma City é um dos maiores destinos ao longo da Rota 66 e oferece muito para ver e fazer. Vale a pena ficar algumas noites na capital – especialmente para assistir a uma partida do Thunder, time local da NBA, no moderno Paycom Center, ou do Dodgers, no estádio de beisebol Chickasaw Bricktown Ballpark.

O Classen Inn é o hotel para pernoitar em Oklahoma City no clima da viagem. Tem apenas 16 quartos, todos decorados com o mesmo estilo retrô de quando foi aberto, em 1963: móveis coloridos, papéis de parede temáticos e objetos *kitsch*, agora revitalizados por uma reforma que também restaurou seu letreiro néon original. Um espaço anexo, que mistura loja de conveniência e lounge, serve como ponto de encontro para viajantes.

De Oklahoma City, a estrada segue por pouco mais de uma hora até Weatherford, com uma parada em El Reno para provar o popular *onion burger* – um hambúrguer com cebola prensada na carne enquanto ela assa na chapa. A receita surgiu durante a Grande Depressão para reduzir custos e se tornou um clássico local. O mais famoso da cidade é servido no tradicional Burger Capitol.

Uma vez em Weatherford, o tema da viagem se envereda para a corrida espacial. A cidade é a terra natal de Thomas P. Stafford, astronauta da Nasa que foi à Lua. Sua trajetória é contada no Stafford Air & Space Museum, situado às margens da Rota 66. Trata-se de um dos melhores museus aeroespaciais do

Centro-Oeste americano: o acervo exibe o traje espacial usado por Stafford na missão Apollo 10, cápsulas Gemini, foguetes Titã II, o motor original do Saturn V, um simulador do Space Shuttle e várias aeronaves militares. O museu é afiliado ao Smithsonian, a mesma instituição por trás dos grandes museus de Washington D.C. O espírito futurista da região também aparece na New 30' Space-man, estátua de um astronauta retrô, de nove metros, criada como homenagem ao otimismo espacial nos bons tempos da Rota 66.

Por fim, Clinton encerra o trecho de Oklahoma com o Oklahoma Route 66 Museum – uma parada indicada mesmo para quem acredita já ter visto museus suficientes pela estrada. Ali, a propos-



ROUTE 66 MUSEUM, EM CLINTON

Foto: Shane Bevel Photography

ta é conduzir o visitante por uma viagem cronológica, desde a construção da Rota nos anos 1920, passando pela Grande Depressão, o auge nos anos 1950 e pelo declínio a partir da década de 1980. Cada sala representa uma época, com trilha sonora, objetos, mobiliário e cenografias imersivas que recriam postos de gasolina, diners, garagens e motéis típicos.

Foto: Shane Bevel



GARRAFA DE 5 METROS SOBRE A MILK BOTTLE GROCERY

Foto: Shutterstock



ROUTE 66 MUSEUM, PARADA IMPERDÍVEL ANTES DE ENCERRAR O TRECHO DE OKLAHOMA



TEXAS: A PORTA DE ENTRADA DO FAROESTE

De Shamrock a Amarillo — 152 km

Aquela Rota 66 dos filmes, com paisagens áridas e retas infinitas, começa a ganhar forma no Texas. São 286 quilômetros que cortam as planícies do Texas Panhandle, no norte do estado, e conectam 12 cidades e vilarejos. A partir dali, o tráfego diminui e as distâncias entre os destinos se alongam.

Shamrock dá as boas-vindas aos viajantes. A cidade carrega uma forte herança irlandesa, motivo dos trevos gigantes pintados nas ruas e da realização do maior St. Patrick's Day Festival do Texas. A fama do vilarejo também se deve ao U-Drop Inn Cafe, datado de 1936. Sua fachada art déco e a torre futurista, identificados facilmente à noite, quando o letreiro néon se acende, foram parar nas telas de cinema na versão do Ramone's Body Shop, em *Carros*. Antigo café e posto de gasolina, hoje abriga um centro de visitantes e um pequeno museu — e segue sendo um dos pontos mais fotografados da Rota 66 no Texas (atrás apenas do Cadillac Ranch, em Amarillo, o próximo trecho da viagem).

De Amarillo a Glenrio — 116 km

Amarillo é a maior cidade da Rota 66 no Texas e concentra alguns dos cenários mais reconhecíveis de toda a estrada. A fama se deve ao Cadillac Ranch, uma instalação criada em 1974, no meio de um campo aberto, com dez Cadillacs dos anos 1949 a 1963 parcialmente enterrados com a traseira voltada para o céu. A obra é uma das mais interativas da Rota 66, já que os visitantes podem deixar suas marcas nos carros usando tinta spray — o que faz com que a arte esteja sempre com cara nova. O lugar é especialmente popular ao entardecer, quando o céu dourado garante iluminação perfeita para fotografar. Inspirado no Cadillac Ranch, o Slug Bug Ranch, também em Amarillo, repete a fórmula com uma versão bem-humorada: cinco Fuscas cravados de cabeça para baixo e cobertos por grafites feitos pelos próprios visitantes.

Representar a Rota 66 com bom humor também é a marca registrada do The Big Texan Steak Ranch. O restaurante ficou famoso desde que lançou um desafio a seus clientes: quem comer um bife de dois quilos (acompanhado de camarão, batata assada, salada e pão) em até uma hora, não paga a conta — caso contrário, desembolsa

CADILLAC RANCH, ATRAÇÃO
MAIS FOTOGRAFADA DA
ROTA 66 DO TEXAS



Foto: Heidi Kaden

US\$ 72. A provocação virou um clássico texano e viajantes do mundo inteiro param ali não só pela comida, mas pela experiência imersiva no Velho Oeste, com garçons vestidos de caubói, touro mecânico, decoração de saloon e trilha sonora country. Integrado ao restaurante, o Big Texan Motel reforça esse clima com fachada inspirada em vilas do faroeste, 54 quartos temáticos, piscina com o formato do mapa do Texas e até estábulos para hóspedes que cruzam o país a cavalo.

O centro de Amarillo também preserva o espírito da Rota 66, especialmente à noite, quando os letreiros néon do Amarillo Route 66 Historic District estão acesos. Por quase dois quilômetros da 6th Avenue – trecho original da Rota –, uma sucessão de antiquários, lojas vintage, murais, diners e bares com shows de blues, country e rock recria a atmosfera dos tempos áureos da estrada.

Estar em Amarillo significa se aproximar da metade da jornada. Bastam 80 quilômetros até Adrian, a menor vila do trecho texano, com cerca de 150 habitantes. Ela fica exatamente no meio do caminho entre Chicago e Santa Mônica e, portanto, é o marco central oficial da Rota. A localização é destacada por uma placa com a informação “Welcome to the Midpoint of Route 66”, posicionada diante do Midpoint Cafe, existente ali desde 1928 (ainda que com outro nome). Além de parada fotográfica obrigatória, o restaurante é famoso por suas tortas caseiras, em especial a Ugly Crust Pie, chamada assim por sua borda imperfeita.

O trecho texano termina vinte minutos adiante, em Glenrio, uma cidade-fantasma com um pé no Texas, outro no Novo México. Entre os anos 1920 e 1960, o vilarejo era movimentado por motéis, restaurantes e postos de gasolina que atendiam os viajantes da Estrada-Mãe. Mas, quando a interestadual I-40 desviou o tráfego da Rota, os viajantes desapareceram – e os moradores também. Hoje, restam ruínas, placas antigas e um letreiro que marca a despedida do estado com ironia: “First in Texas – Last in Texas”.

Foto: Shutterstock



NOVO MÉXICO É O ESTADO COM O MAIOR TRECHO DA ROTA 66



NOVO MÉXICO: UM LONGO CAMINHO

De Glenrio a Santa Rosa — 97 km

A mesma cidade-fantasma que encerra o trecho texano da Rota 66 marca o ponto de partida no Novo México. De Glenrio em diante, o cenário se torna cada vez mais solitário e os postos de gasolina, menos frequentes. Por isso, manter o tanque abastecido é essencial: a viagem atravessa longas extensões de deserto, planícies áridas e regiões montanhosas, intercaladas por raros povoados e algumas reservas indígenas. É justamente essa geografia que confere ao trecho do Novo México um caráter distinto, com forte presença cultural e histórica dos povos nativo-americanos.

O estado abriga o maior percurso da estrada, com 784 quilômetros – número que costuma ser contestado. O traçado original da Rota, entre 1926 e 1937, fazia um enorme desvio ao norte, passando por Santa Fé. Depois a rodovia foi realinhada para seguir direto de Santa Rosa a Albuquerque, o que reduz o percurso. Mas, somando-se ambos os trechos, o Novo México mantém com folga o título de maior quilometragem na Rota 66.



TEE PEE CURIOS, LOJA COMPLETA PARA ADQUIRIR LEMBRANCINHAS DA VIAGEM

A primeira parada é Tucumcari, a 40 minutos da divisa com o Texas. Muitos viajantes planejam uma pernoite ali só para se hospedar no Blue Swallow Motel, ícone da Rota desde 1939 e dono de um dos letreiros mais populares ao longo do caminho. O hotel tem 12 quartos com garagens individuais (comum nos anos 1940 para proteger os veículos do sol do deserto), além de decoração com móveis de época, telefones de discar, rádios arcaicos e miniaturas de néon.

Mas a fama de Tucumcari vai além da hospedagem: a cidade abriga mais de 40 murais pintados à mão, retratando caubóis, paisagens do Velho Oeste, tradições indígenas e, claro, cenas clássicas da Rota 66. A maior parte se concentra na Tucumcari Boulevard, trecho real da Rota.

Há um tour autoguiado usando o mapa disponível no site do Tucumcari Convention Center ou a versão impressa entregue no centro de visitantes.

O bom de passar pelo Convention Center é que dá para conhecer o New Mexico Route 66 Museum, um museu compacto, mas com acervo expressivo: carros vintage, réplicas de quartos de motel, objetos históricos e a maior coleção fotográfica da Rota 66 no mundo, com imagens raras da construção da estrada e das mudanças ao longo das décadas.

Na mesma avenida, a Tee Pee Curios é um loja de suvenires *kitsch* que virou atração turística. Do lado de fora, ela exibe uma tenda indígena cônica (chamada *teepee*). Lá dentro, há prateleiras abarrotadas de artesanato nativo-americano, antiguidades da Rota 66, camisetas, ímãs, canecas, chaveiros e placas vintage. É uma das mais completas no trecho do Novo México e especialmente movimentada à noite, quando seu letrero néon está aceso.



BLUE SWALLOW MOTEL, PERNOITE SUPERCONCORRIDO EM TUCUMCARI

Fotos: Shutterstock

De Santa Rosa a Albuquerque — 190 km

Santa Rosa tem um motivo inusitado para uma parada: o Blue Hole, piscina natural de águas cristalinas que surge de forma inesperada na paisagem desértica da cidade, a poucos metros da Rota 66. O poço circular é, na verdade, um cenote alimentado por um aquífero subterrâneo, com 24 metros de profundidade, cuja água se renova naturalmente a cada seis horas. O processo garante visibilidade de até 30 metros e temperatura de 18 °C o ano inteiro – e, com o sol forte do Novo México, é perfeito para um mergulho refrescante. O lugar é bem estruturado, com plataformas de salto, vestiários e mesas para piquenique à disposição dos visitantes.

A outra atração de Santa Rosa é clássica na Rota 66: o Route 66 Auto Museum, um museu com uma coleção de mais de 30 veículos antigos, como *hot rods* (modelos das décadas entre 1910 e 1930 modificados para ganhar potência), *muscle cars* (automóveis de alto rendimento), carros esportivos dos anos 1950 e 1960 e caminhões raros.

Mais adiante, já no caminho para Albuquerque, vale prestar atenção ao trecho próximo ao vilarejo de Tijeras: uma

parte do asfalto toca a canção *America the Beautiful*. Trata-se de um efeito sonoro em que sulcos espaçados na estrada funcionam como instrumento musical – e, ao vibrarem com a passagem dos carros, lembram as notas da canção. Para ouvi-la, deve-se trafegar a exatamente 72 km/h, com as janelas abertas e as rodas alinhadas sobre as ranhuras. Além de curioso, o projeto foi criado como incentivo para que os motoristas respeitassem o limite de velocidade naquele ponto da rodovia.

De Albuquerque a Gallup — 223 km

Mais de 600 balões de ar quente colore o céu de Albuquerque durante a Balloon Fiesta, considerado o maior espetáculo de balonismo do planeta. Testemunhado por cerca de um milhão de pessoas anualmente, o evento é apenas uma amostra da densidade cultural da cidade, onde tradições indígenas, herança hispânica e o legado da era automobilística se entrelaçam. É essa combinação que torna Albuquerque um dos destinos mais expressivos da Rota 66.

A cidade abriga o maior trecho urbano contínuo da estrada, com 29 quilômetros passando dentro dela,



BLUE HOLE, EM SANTA ROSA, UM “OÁSIS” NO DESERTO

Fotos: Shutterstock e New Mexico Barberstock

e a maior concentração de prédios históricos da Rota 66 no Novo México, enfileirados na Central Avenue do Nob Hill District e em Old Town. Esses dois bairros encarnam a alma da Rota 66 e aglomeram a maioria dos motéis vintage, cinemas retrô e lanchonetes temáticas, cada um ao seu estilo. Nob Hill District mistura influências da arquitetura espanhola com o estilo *googie* – um tipo retrofuturista inspirado na era espacial dos anos 1950 e 1960, com muito vidro, aço, néon e formas geométricas. Já Old Town preserva a herança dos povos indígenas e da colonização espanhola, com construções em adobe, mercados de artesanato e praças coloniais.

Nesse recorte da cidade, dois hotéis continuam recebendo viajantes desde os tempos em que a estrada passava por perto: o Monterey Motel, com perfil mais mini-

malista, e o El Vado Motel, um dos mais elegantes da Rota em sua época original.

Para 2026, Old Town prepara a inauguração de uma nova atração como parte das celebrações do centenário da estrada, o Route 66 Museum. A proposta vai além da memorabilia e inclui instalações de arte contemporânea, experiências com realidade aumentada e murais que recuperam as histórias de personagens ligados à 66.

Outro espaço que se repaginou para os cem anos da Rota é o Arrive Albuquerque, antigo Downtowner Motor Inn, de 1965, reaberto como hotel-butique, sem abandonar o estilo retrô, com 137 quartos, piscina, bar e restaurante. O Arrive fica em Downtown, bairro que ainda preserva vestígios da estrada em sua arte urbana, nos museus ou nos tradicionais desfiles de carros rebaiados, frequentes por ali.

A alguns quarteirões, entre Downtown e Nob Hill, está o 66 Diner, restaurante temático mais concorrido da cidade, que presta homenagem à estrada na ambientação e no cardápio. Instalado onde funcionava um posto de gasolina desde 1945, tem cabines coloridas, jukebox, letreiros néon e atendentes uniformizados ao estilo da época. A especialidade da casa é o Pileup, batatas fritas na frigideira cobertas com bacon, linguiça, pimenta verde, ovos, cheddar e molho picante.

Foto: Shutterstock



DINER 66, RESTAURANTE TEMÁTICO MAIS POPULAR DE ALBUQUERQUE



Foto: New Mexico Barberstock



NOS TRECHOS DESÉRTICOS DA ROTA 66, CONTEMPLAR O CÉU ESTRELADO VIRA ATRAÇÃO

Foto: © John Burcham



ARIZONA: O MAIOR TRECHO ORIGINAL

De Lupton a Flagstaff — 260 km

A viagem acaba de adentrar o solo do Arizona. Dali até a divisa com a Califórnia são cerca de 645 quilômetros, atravessando o trecho autêntico mais longo da Rota 66, com 620 quilômetros – que, em boa parte, coincide com o trajeto da rodovia I-40. Isso significa que quase tudo à beira do asfalto é original da Estrada-Mãe. A começar pelo TeePee Trading Post.

Sob uma tenda cônica indígena de 20 metros de altura, funcionam até hoje uma agência de correios e uma loja de suvenires e artesanato nativo-americano, abertas desde 1950.

A paisagem ao redor já antecipa o que vem pela frente: montanhas de tons avermelhados a perder de vista. Mas ao alcançar o Petrified Forest National Park, a viagem ganha um cenário raro. Esse é o único parque nacional dos Estados Unidos cortado pela Rota 66, e abriga uma das maiores concentrações de madeira petrificada do mundo. São troncos de árvores que viveram há mais de 225 milhões de anos e que, com o tempo, se transformaram em pedra por um processo de silicificação.

O parque também reúne mais de 600 sítios arqueológicos e paleontológicos, com fósseis, pinturas rupestres e ruínas de antigas aldeias indígenas. Parte da área é ocupada pelo Painted Desert, um deserto colorido por rochas em tons de rosa, vermelho e roxo, resultado da presença de minerais como ferro e magnésio. Para quem tem mais tempo, há trilhas para caminhada, passeios de bicicleta e até cavalgadas para explorar a região com mais profundidade.

A cidade-base para visitar a floresta petrificada costuma ser Holbrook, a cerca de 50 quilômetros do parque. No passado, Holbrook era um daqueles cenários típicos de filme do Velho Oeste, com direito a bar frequentado por caubóis e bandidos, o Bucket of a Blood Saloon. O estabelecimento fechou, mas a fachada continua lá, e o nome virou o da rua.

Gallup marca o fim do trecho no Novo México. A cidade tem cara e alma de faroeste, repleta de murais com cenas do Velho Oeste, da cultura navajo e de passagens da Rota 66. Não à toa, foi cenário para mais de cem filmes ao estilo banguê-banguê entre as décadas de 1940 e 1950, época em que era comum esbarrar com estrelas de cinema como Katherine Hepburn, John Wayne e Kirk Douglas pelas ruas.

Para receber tanta gente vinda de Hollywood, o El Rancho Hotel foi construído em 1936. Decorado com tapeçarias navajo, esculturas em madeira e móveis rústicos, o hotel servia tanto como hospedagem quanto set de gravação. Depois dos estúdios, passaram a vir os viajantes endinheirados da Rota – e o El Rancho seguiu firme como parada para pernoite antes de chegar ao Arizona.

Hoje, Holbrook é conhecida principalmente pelo Wigwam Motel, construído em 1950. Seus quartos em formato de cabanas indígenas com quase dez metros de altura e decoração retrô inspiraram a criação do Cozy Cone Motel em *Carros*.

Já a vizinha Winslow virou referência musical. Ela é citada no verso “*I’m standin’ on a corner in Winslow, Arizona*”, da canção *Take It Easy*, da banda Eagles. Para homenagear a música, Winslow ergueu uma estátua em uma esquina, ao lado de uma placa com o trecho da composição – atração que chega a receber 100 mil visitantes por ano.

A cidade também é o ponto de acesso à Meteor Crater, a cratera de meteorito mais bem preservada do mundo. Formada há 50 mil anos, tem mais de um quilômetro de diâmetro e 170 metros de profundidade, resultado do impacto de um asteroide de 40 metros que atingiu a Terra com força 150 vezes maior à da bomba atômica de Hiroshima. O lo-

cal conta com centro de visitantes, mirantes e um museu interativo que ajuda a entender sua importância geológica.

De Flagstaff a Seligman — 123 km

No centro histórico de Flagstaff é como se a Rota 66 ainda estivesse viva. Prédios históricos, painéis de néon, motéis vintage e restaurantes retrô se concentram no Downtown Historic District, por onde ainda passam trechos originais da Estrada-Mãe, causando um burburinho de viajantes. Muitos estão ali interessados no Walk This Talk – Route 66, um tour audioguiado e a pé pelas ruas do centro, que resgata o passado da rodovia. Outros aproveitam a localização para pernoitar antes de seguir ao Grand Canyon National Park, a apenas 90 minutos, ou para explorar o Lowell Observatory, onde Plutão foi descoberto em 1930. Independentemente do motivo, uma coisa é certa: a Rota 66 vai ser sempre parte da visita.

Foto: Shutterstock

GRAND CANYON NATIONAL
PARK, A APENAS 90
MINUTOS DE HOLBROOK

A cidade, situada na altitude mais elevada da estrada, é cortada por quase 23 quilômetros do traçado original, e suas melhores atrações estão diretamente ligadas a ela. Vide o Museum Club, que de museu de animais empalhados e loja de conveniência às margens da rodovia virou casa de shows com música country e linha de dança, em 1963.

Alguns dos restaurantes mais populares de Flagstaff também vêm desse tempo. O Galaxy Diner, por exemplo, é frequentado por moradores e turistas desde 1952. A decoração retrô, com néons, painéis e paredes com fotografias de astros do cinema dos anos 1950 e 1960, veio depois, mas o cardápio segue autêntico: café da manhã servido o dia inteiro, hambúrgueres, milk-shakes e *root beer*, uma cerveja de ervas e especiarias. Mais recente, mas com alma da estrada, a Mother Road Brewing Company homenageia a Rota 66. Fundada em 2011, a cervejaria artesanal é a dona da Tower Station IPA, uma das cervejas mais consumidas no Arizona.

A 40 quilômetros de Flagstaff está Williams, a última cidade a ter o fluxo da Rota 66 desviado pela rodovia interestadual, em 1984. Justamente por isso, oferece uma das experiências mais legítimas da estrada. O Historic Downtown District tem seis quarteirões tomados por lojas de suvenires, hotéis clássicos, restaurantes temáticos, sorveterias retrô e uma coleção de letreiros néons – especialmente nas duas vias que pertenciam à estrada, cada uma em um sentido.

A melhor forma de explorar Williams é deixar o carro estacionado e caminhar. Nos meses de verão, não é raro se deparar com encenações ao ar livre em estilo faroeste, com duelos protagonizados no meio da rua. A atmosfera do Velho Oeste também embala o trajeto do Grand Canyon Railway, um trem nostálgico que parte da estação de Williams rumo à borda sul do Grand Canyon. A viagem dura pouco mais de duas horas em cada trecho e inclui apresentações a bordo e vistas panorâmicas do parque.

Foto: Shutterstock



GALAXY DINER, EM FLAGSTAFF: DECORAÇÃO E CARDÁPIO PERMANECEM AUTÊNTICOS AOS TEMPOS DA ROTA 66

De Seligman a Topock — 221 km

Qualquer semelhança entre Seligman e a fictícia Radiator Springs do filme *Carros* não é mera coincidência. A pequena cidade do Arizona influenciou não só o visual da vila da animação, como também seu enredo. Seligman quase desapareceu do mapa quando a Rota 66 foi substituída ali, em 1978. A decadência parecia inevitável, até que, em 1987, um movimento liderado pelo barbeiro local Angel Delgadillo reacendeu o interesse pela estrada. O esforço coletivo salvou o vilarejo do esquecimento e deu origem à Rota 66 Histórica – e um novo título a Seligman: cidade natal do renascimento da estrada.

A própria barbearia de Delgadillo se transformou no centro de informações turísticas da cidade e uma das lojas mais emblemáticas da Rota, a Angel & Vilma Delgadillo's Original Route 66 Gift Shop, com uma impressionante variedade de suvenires dedicados à estrada.

O comércio de lembrancinhas, aliás, prosperou no vilarejo. Lojas como a Rusty Bolt, a Route 66 Motorporium e a colorida Historic Seligman Sundries disputam a atenção dos visitantes com fachadas exageradas e decoração *kitsch*, misturando quinilharias, antiguidades e todo tipo de item com a marca Route 66.



ESCUDO DRIVE-THRU, EM KINGMAN: PARADA CLÁSSICA PARA FOTOS

A Road Runner também aderiu à venda de produtos da estrada, mas o forte ali é seu restaurante e pub, sempre movimentados. Instalado em uma antiga concessionária da Olsen's Chevrolet, de 1936, serve o famoso Nathan's Hot Dog (cachorro-quente com salsicha 100% carne bovina) e o sanduíche de carne de porco desfiada, um dos favoritos do cardápio.

O espírito bem-humorado que inspirou *Carros* está presente por toda a cidade. O Delgadillo's Snow Cap, aberto em 1953, é a prova disso: já na entrada, um letreiro brinca com os visitantes – “Sorry, we're open” (“Desculpe, estamos abertos”) – e a porta tem duas maçanetas, uma delas falsa. Na frente, há um Chevrolet 1936 decorado com sinos, flores e até uma árvore de Natal. Em 2022, o Snow Cap entrou para o livro dos recordes ao preparar 266 sabores de milk-shake em uma hora.

Já o Roadkill Cafe leva o bom humor ao extremo com o slogan “You kill it, we grill it!” (“Você atropela, nós grelhamos”), alusão a uma história real envolvendo um cliente e um animal acidentado. O cardápio segue o tom cômico com nomes como *Funky Skunk* (gambá esquisito), *Varmint Vittles* (comida de bicho-do-mato), *No Luck Buck* (veado sem sorte) e *Mistery Meat* (carne mistério).

A ideia de promover a Rota 66 Histórica deu tão certo que Seligman (hoje com

cerca de 800 habitantes) conta com ao menos quatro motéis temáticos à beira da estrada: o Aztec Motel, o Historic Route 66 Motel, o Supai Motel e o Stagecoach 66 Motel. E todos com ocupação total durante eventos como a Route 66 Fun Run. A tradicional carreata com 800 carros clássicos parte de Seligman em maio e segue por 225 quilômetros até Topock, já na divisa com a Califórnia.

A primeira grande parada do percurso é Kingman, cidade que se autointitula “Coração da Rota 66”. O motivo? Abriga um dos trechos mais bem preservados da estrada, especialmente entre a Beale Street e a Andy Devine Avenue. Nesse miolinho, três atrações compartilham o mesmo endereço, na antiga usina elétrica da cidade, de 1907. Logo na entrada, o Centro de Visitantes se destaca pelo letreiro imponente onde os viajantes podem parar seus carros para fotos. Ali também está o Historic Electric Vehicle Museum, com carros elétricos do início do século 20, e o Arizona Route 66 Museum, outro museu ao longo da Rota dedicado a veículos vintage, fotografias históricas, dioramas e memorabilia da rodovia. Nesse aqui, a exposição começa pelos caminhos indígenas e trilhas de colonização, passa por cenários da década de 1930 e desemboca na era dourada da Rota 66, com carros conversíveis, motéis *kitsch* e letreiros néon.

A reverência à nostalgia automobilística continua em espaços públicos. Em frente ao Mr. D's Route 66 Diner, por exemplo, estão expostos um carro de polícia vintage e uma caminhonete Chevrolet 1954. O restaurante retrô tem todo aquele combo dos anos 1950: estofados de vinil, jukebox, fotos de gente importante na parede e menu com hambúrguer, batata frita e milk-shake.

Rumo à Califórnia, a Rota 66 segue por uma das áreas mais remotas e sinuosas da viagem, próximo a Oatman, quase na troca de estado. A estrada atravessa a rua principal da antiga cidade mineira com pinta de Velho Oeste, hoje transformada em atração turística com construções e calçadas de madeira, burros circulando livremente pelas ruas e encenações diárias de tiroteios ao estilo faroeste.

Foto: Heidi Kaden



MR. D'S ROUTE 66 DINER, RESTAURANTE RETRÔ EM KINGMAN

TRECHO ENTRE ARIZONA E CALIFÓRNIA, UMA DAS PARTES MAIS REMOTAS E SINUOSAS DA ROTA 66



Foto: divulgação Route 66 Fun Run



CALIFÓRNIA: A LINHA DE CHEGADA

De Needles a Barstow — 232 km

Depois de cruzar desertos, uma infinidade de vilarejos, algumas cidades grandes e até cidades-fantasma, a Rota 66 chega ao seu trecho final na Califórnia. O último segmento da estrada se estende por 507 quilômetros, até dar de cara com o Pacífico.

Assim que o Arizona fica para trás, a paisagem segue com a aridez e o calor intenso do deserto de Mojave, considerado um dos mais cênicos da *road trip*. Essa parte da viagem concentra o maior número de lugares abandonados desde que a I-40 virou alternativa à Rota 66. Vilarejos como Essex, Amboy, Bagdad e Ludlow quase desapareceram do mapa, não fosse a teimosia de alguns poucos endereços sobreviventes.

Caso do Roy's Motel and Cafe, em Amboy. Situado em meio a uma das paisagens mais inóspitas da estrada,

o enorme letreiro néon ainda anuncia um motel, embora a hospedagem não esteja em completa operação – os quartos restaurados estão abertos à visitação. O café, sim, funciona como loja de conveniência e parada estratégica para uma bebida gelada diante do calor implacável do deserto – e, com sorte, para abastecer o carro, se o posto de gasolina estiver ativo.

O Bagdad Cafe, em Newberry Springs, também resiste ao esquecimento. Construído entre 1950 e 1960, ele continua de pé graças ao filme que leva seu nome e que narra o encontro de duas mulheres em um remoto café no Mojave. A produção transformou o lugar em ponto de peregrinação para cinéfilos e viajantes curiosos. O interior mantém a estética pé na estrada, decorado com bandeiras e notas de dinheiro de diversos países e objetos deixados por visitantes do mundo inteiro.

O número de cidades-fantasma no trecho californiano da Rota 66 também está ligado ao declínio da mineração na região. A Calico Ghost Town, em Yermo, representa bem essa realidade. Fundada em 1881 como cidade mineira, chegou a ter 500 minas de prata em funcionamento. Mas na virada para o século 20 já não existia mais nada

– restando apenas histórias de fantasmas que reforçam sua fama de mal-assombrada. Hoje, foi restaurada como atração turística, com cenários de faroeste e lojinhas temáticas.

Já Barstow, com quase 25 mil habitantes, teve outro destino. Mesmo com a população diminuída da Rota 66 – que ainda cruza sua rua principal –, a cidade seguiu viva devido à sua posição estratégica no cruzamento entre trilhas indígenas, trilhos de trens e rodovias modernas. Esse papel logístico no deserto do Mojave é tema do Route 66 Mother Road Museum, instalado em uma estação de trem desativada. Pequeno, o museu reúne fotografias históricas, veículos antigos, peças de automóveis, bombas de gasolina retrô e a quinquilharia típica dos museus sobre a estrada.

De Barstow a Santa Mônica — 211 km

A paisagem dura do deserto do Mojave acompanha boa parte do trecho final até Santa Mônica. Quando a imensidão parece não acabar nunca, uma placa em Oro Grande sugere uma pausa bem-vinda do asfalto. É o Elmer's Bottle Tree Ranch, um bosque artístico feito com garrafas de vidro coloridas penduradas em árvores de metal.

ROY'S MOTEL AND
CAFE, EM AMBOY: UM
DOS LETREIROS MAIS
FAMOSOS DA ESTRADA



Foto: Michelle Oude Maatman

A instalação soma mais de 200 “árvores” contruídas pelo artista local Elmer Long a partir dos anos 2000, com material que ele e o pai coletaram durante acampamentos no deserto desde os anos 1950. Além da experiência visual, o vento do Mojave cria um efeito sonoro curioso ao vibrar as garrafas – e costuma deixar o visitante intrigado.

Com mais uma hora de viagem, o deserto começa a perder o ar solitário para dar lugar a centros urbanos. San Bernardino é o primeiro a aparecer – e com ele vem a chance de conhecer o Original McDonald’s Site & Museum. O museu funciona no endereço do primeiro restaurante dos irmãos Dick McDonald e Mac McDonald, inaugurado por volta de 1940. O acervo inclui cardápios antigos, copos, uniformes, brinquedos do McLanche Feliz de diversas épocas e países, além de objetos de decoração anteriores à era das franquias. A visita ajuda a entender os tempos dos drive-in e a vibe gastronômica nas *road trips* dos anos 1940 e 1950.

Mesmo que o destino final esteja a menos de duas horas dali, San Bernardino vale um pernoite. O motivo é o Wigwam Motel, alternativa para quem não conseguiu vaga na unidade de Holbrook, no Arizona. A proposta é idêntica à do concorrente: quartos em formato de tendas indígenas com quase

Foto: Nirav Solanki



WIGWAM MOTEL, ACOMODAÇÕES EM FORMATO DE TENDAS INDÍGENAS

dez metros de altura, decoração nativo-americana e comodidades como internet e ar-condicionado.

Antes de encarar os últimos quilômetros da Rota 66, uma explicação importante. Sabe aquela placa famosa no píer de Santa Mônica sinalizando o ponto final da estrada? Pois o término oficial da Rota fica, na verdade, na esquina entre as avenidas Lincoln e Olympic, de frente ao Mel’s Drive-In. O restaurante não faz alarde sobre a localização, mas sua aparência diz tudo: fachadas de vidro, letreiros néons e automóveis retrô remetem ao estilo *googie*, típico da Califórnia dos anos 1940 a 1960. Apesar de aberto desde 1959, o nome Mel’s Drive-In só foi adotado em 2018 – antes, atendia como Penguin Coffee Shop, daí o enorme pinguim ainda presente no letreiro. O cardápio tem clássicos americanos e algumas referências à estrada, como o Route 66 Burger e a cerveja Route 66 Blonde Ale.

No entanto, a placa “End of the Trail” no píer de Santa Mônica marca simbolicamente o ponto final da estrada. E por motivos justos: faz mais sentido comemorar a conquista em um parque de diversões com vista para o mar. A jornada de quase quatro mil quilômetros termina ali, entre as atrações do Pacific Park, a roda-gigante, o carrossel centenário, o aquário, as lojas de suvenires e uma última pausa para comer, seja um *funnel cake* (doce em espiral que lembra bolinho de chuva) ou um prato de camarão do Bubba Gump.

É o fim da linha. Rota 66 completa. Hora de registrar o último carimbo no passaporte.

Foto: Shutterstock



PÍER DE SANTA MÔNICA, PONTO FINAL DA ROTA 66

PREPARE SUA VIAGEM

MOEDA Dólar americano (US\$)

FUSO -2h a -5h em relação a Brasília, dependendo do estado (quanto mais a oeste dos Estados Unidos, maior é a diferença com o Brasil)

NA REDE enjoyillinois.com | visitmo.com | travelks.com | travelok.com | traveltexas.com | newmexico.org | visitarizona.com | visitcalifornia.com

DOCUMENTOS É necessário visto americano para entrar nos Estados Unidos. Para mais informações, acesse br.usembassy.gov/pt/visas-pt

COMO CHEGAR Há voos diretos de São Paulo para Chicago com a United Airlines. American Airlines, Delta, Air Canada, Aeromexico, Avianca e Copa Airlines voam com conexões em outras cidades. Também é possível começar a rota por Los Angeles, servida pelas mesmas companhias aéreas.

BUCK ATOM'S COSMIC CURIOS ON 66, EM TULSA

COMO SE LOCOMOVER A forma mais prática de percorrer a Rota 66 é com carro alugado ou motorhome. O carro oferece mais agilidade, facilidade para estacionar nas pequenas cidades e mais opções de locação. Já o motorhome garante autonomia na viagem e elimina a dependência de reservas de hotéis, embora exija mais planejamento. Independentemente da escolha, vale revisar seguros e coberturas, baixar mapas off-line e aplicativos da Rota 66 (como Route 66 Ultimate Guide, Route 66 Navigation e Roadtrippers) e nunca rodar com o tanque perto da reserva, especialmente nos trechos mais isolados.

QUANTO TEMPO FICAR A travessia completa da Rota 66 exige, no mínimo, duas semanas. Três seriam o ideal para viajar com calma.

QUANDO IR Entre abril e junho, o clima costuma ser mais equilibrado ao longo de quase todo o trajeto, com temperaturas agradáveis no Meio-Oeste e calor suportável nos desertos do Novo México, Arizona e Califórnia. Entre setembro e outubro, o número de viajantes diminui e o calor intenso do verão dá uma trégua, especialmente nos trechos áridos.

Foto: Jametlene Reskip



Acesse o QR code e confira uma playlist com 66 músicas para ouvir na viagem

